

L E T R A S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano 1 nº 07 Brasília, 08 de outubro de 1999

Câmara
homenageia
Pompeu de Sousa

Em tempo de Primavera

Rioke lança **Cultura Capital**

Valéria Velasco

“O medo ameaça o DF”

Revisão constitucional

Manoel Andrade-PP



Enquanto alguns setores discutem se a revisão constitucional deve ou não acontecer e os caciques do Congresso disputam a presidência da revisão, nós aqui do Distrito Federal ficamos preocupados em conseguir, exatamente através da revisão da Carta, a autonomia financeira que nos falta.

Ainda no primeiro semestre deste ano, um grupo de deputados distritais, no qual eu estava incluído, esteve na Câmara Federal tentando evitar cortes no repasse de verbas da União para o DF. Não tivemos sucesso, mas mostramos a necessidade de as verbas serem repassadas e, mais que isso, mostramos que o DF precisa ter sua autonomia financeira.

As transferências da União para o GDF sofrem as conseqüências do esvaziamento de caixa do Tesouro Nacional, como bem disse um editorial recentemente publicado no jornal Correio Braziliense. As sequelas já são conhecidas. "Saída e educação", observa o texto, "praticamente custeadas pelos repasses federais, estão comprimidas nos respectivos atos de gestão limitados pela parcimônia do Ministério da Fazenda nos créditos repassados ao GDF". Além disso, tem a questão de segurança pública, também, custeada com recursos da União. Como se pode ver, são áreas de crucial importância as atingidas.

Na verdade, o Distrito Federal precisa ter participação nos fundos destinados aos estados e municípios, conseguindo, assim, recursos que possibilitem nosso desenvolvimento, que não pode mais ser emperrado. Esse é o aspecto que devemos levar em consideração na discussão da reforma constitucional.

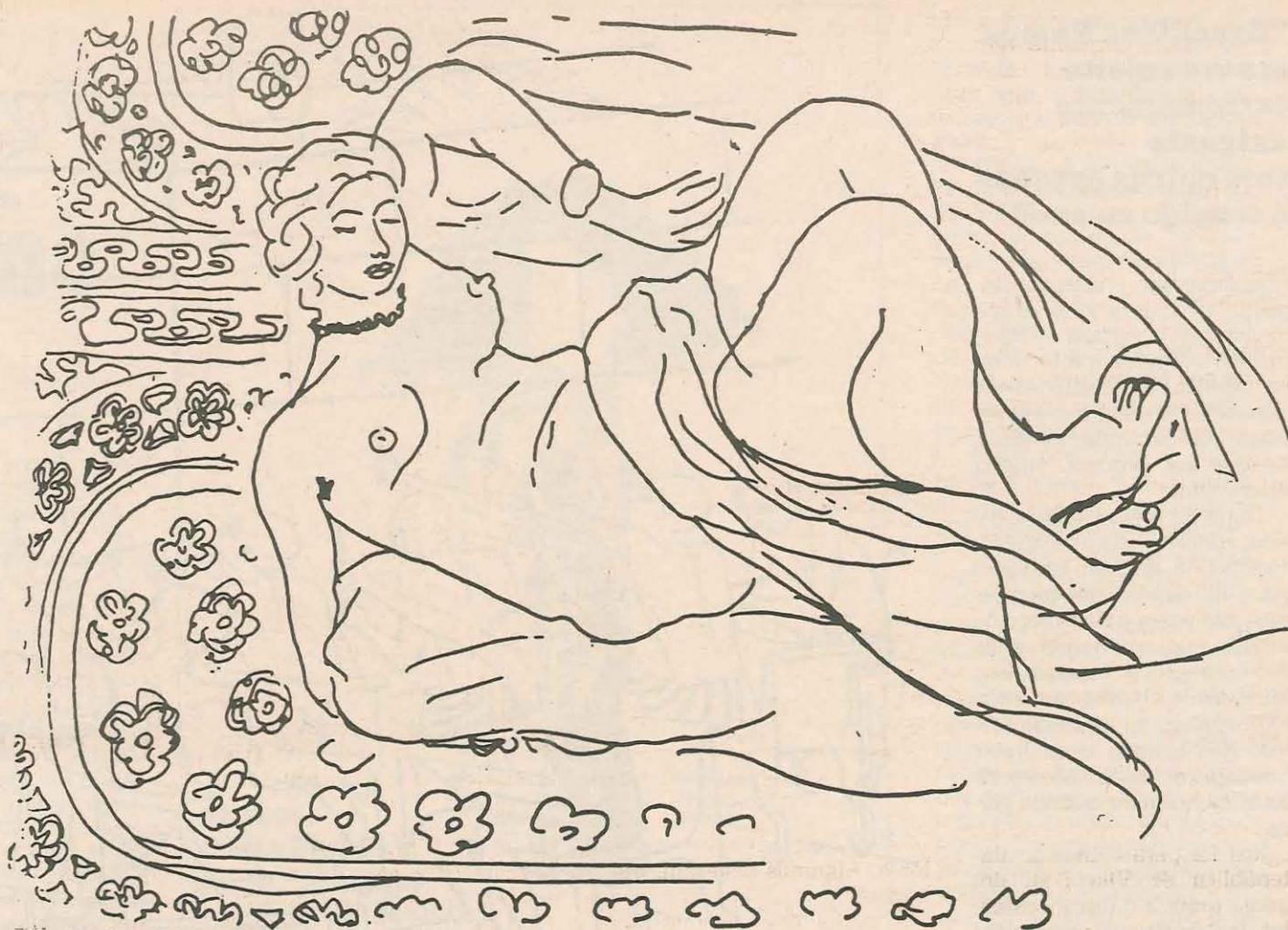
Ma. de Lourdes Abadia-PSDB



Ao contrário do que se apregoa, a revisão constitucional não é golpe. De acordo com o que consta no artigo 3º do Ato das Disposições Constitucionais e Transitórias "a revisão constitucional será realizada após cinco anos contados da promulgação da Constituição pelo voto da maioria absoluta dos membros do Congresso Nacional em sessão unicameral". A revisão, portanto, é constitucional e deve ser realizada.

Como integrante da Comissão da Ordem Social, à época em que fomos eleitos constituintes, o que nos preocupa é garantir as conquistas sociais que foram feitas. Pelo que ficou decidido com 253 votos, maioria absoluta, o Congresso pode fazer modificações na Carta. É aí que podem ocorrer retrocessos. Todos sabem que esta Comissão foi a que mais avançou e que por isso mesmo mais desagradou os setores retrógrados da nossa sociedade. Agora, com os "lobbies" eficientes que estão sendo preparados, algumas conquistas podem ser revistas. Exemplos: a licença de 120 dias para gestante, a questão dos aposentados e a jornada de trabalho de 44 horas. Não podemos abrir mão destes direitos.

Outra preocupação: não marcaram um prazo para o término dos trabalhos. O PSDB, meu partido, defende a data de 31 de dezembro. É preciso que isto fique estabelecido porque 1993 é um ano pré-eleitoral e os parlamentares podem usar a revisão de forma eleitoreira, se esquecendo do principal que é garantir a governabilidade do País.



Henri Matisse, Adormecida

□ Elder Rocha Lima

A arte feia

No presente artigo, o professor e pintor Elder Rocha Lima discorre sobre os valores da cultura ocidental que levam à Discriminação do real como uma Arte Feia.

O número 2 deste DF LETRAS publicou um excelente estudo do Professor Cassiano Nunes sobre certas características da obra e da personalidade do Graciliano Ramos, o velho Graça de todos nós que somos admiradores da obra desse grande escritor.

Em primeiro lugar ousaria comentar alguma coisa sobre o estudo em referência e peço desculpas por tratar de um assunto que não é de minha alçada, mas escudo-me no fato de ser um leitor impenitente e talvez compulsivo. Por outro lado o estudo é bastante denso e provoca uma série de reflexões que não são exclusividade da crítica literária.

Concordo com o professor Cassiano quando valoriza a releitura — descobrimos novos sabores naqueles escritores que nos agradaram em outros tempos e, "last but not least" vemos ruir alguns ídolos criados pelos truques mercadológicos e que nos enganaram antes.

Em segundo lugar encontrei muito adequada a análise

empreendida pelo Professor Cassiano sobre a característica ética de Graciliano — era um sujeito extremamente exigente com outras pessoas e ainda mais consigo mesmo. Em outros tempos o autor de "Memórias do Cárcere" seria chamado de "moralista", no bom sentido que se dava à palavra em tempos de antanho.

Mas deixemos de roubar frutos no quintal alheio, pois já faz muito tempo que eu fazia isso com eficiência, e vejamos um desdobramento do assunto tratado no artigo que temos o atrevimento de comentar. Trata-se da "arte pobre", da "arte feia". Em literatura o assunto não é tão polêmico quanto nas artes plásticas. Os escritores nunca tiveram medo de meter o dedo nas mazelas humanas e utilizar-se de vocabulário e expressões rudes ou mesmo fesceninas, em benefício da expressividade literária, ou melhor, artística. O descrever cenas ou tipos repugnantes

ou repulsivos nem sempre constituiu afronta às pessoas de bom-gosto. Parece que os livros fechados e adormecidos nas estantes não agradem tanto quanto um quadro pendurado na parede...

Em termos de arte plástica predomina ainda uma grande confusão entre "beleza natural" e "beleza artística", digamos um tanto quanto simplistamente. Uma obra de arte pode até atender a esses dois tipos de valores, mas não necessariamente. Os impressionistas, de maneira geral, atendiam a essa superposição. Mas, se examinarmos a produção artística ao longo da história encontramos mais freqüentemente um divórcio entre essas duas categorias estéticas. Como situação exemplar lembro-me dos painéis da "Casa del Sordo" de Goya, em que o artista representou alguns velhos decrepitos, repugnantemente feios, comendo com repulsiva voracidade; isso não impediu que essa obra decorasse a sala da

"Hoje ainda, inúmeras pessoas, intelectualizadas ou não, pautam seus comportamentos estéticos pelas normas acadêmicas que formam a cultura visual"

“Graciliano Ramos era um sujeito extremamente exigente com outras pessoas e consigo mesmo”

casa do artista e nem me impediu, quando a vi pela primeira vez, de exclamar: “Que beleza!”. Matisse, pintor muito apolíneo, como diria Nietzsche, dizia que se encontrasse na rua mulheres iguais às que ele pintava, fugiria apavorado.

Tanto na arte oriental clássica, como na arte africana ou mesmo na arte de qualquer povo de cultura não-tecnológica não passa pela cabeça do artista que sua tarefa é de produzir coisas bonitas. Isso igualmente ocorria com o artista egípcio ou da Idade Média, isto é, toda e qualquer produção artística não sujeita às influências da estética grega.

Nós não ignoramos a profunda influência da cultura grega sobre a cultura ocidental, influência que, em certos casos, tornou-se obstáculo ao seu desenvolvimento. O fascínio da civilização grega até hoje perturba nossos intelectuais e provavelmente nos inibe para uma análise crítica do pensar grego. Os dogmas da estética grega foram durante largo tempo a sombra perturbadora que se debruçou sobre a arte ocidental, sombra essa que atinge nossos dias.

A estética grega, de natureza idealista, admitia que cumpria ao artista recriar a natureza segundo uma Idéia Universal de caráter platônico. Assim uma estátua de Apolo ou de um efebo deveria traduzir a perfeição da beleza masculina ideal. Os cânones da proporção para o corpo humano transportaram-se para o Renascimento com ímpeto renovado e cristalizaram-se no academicismo.

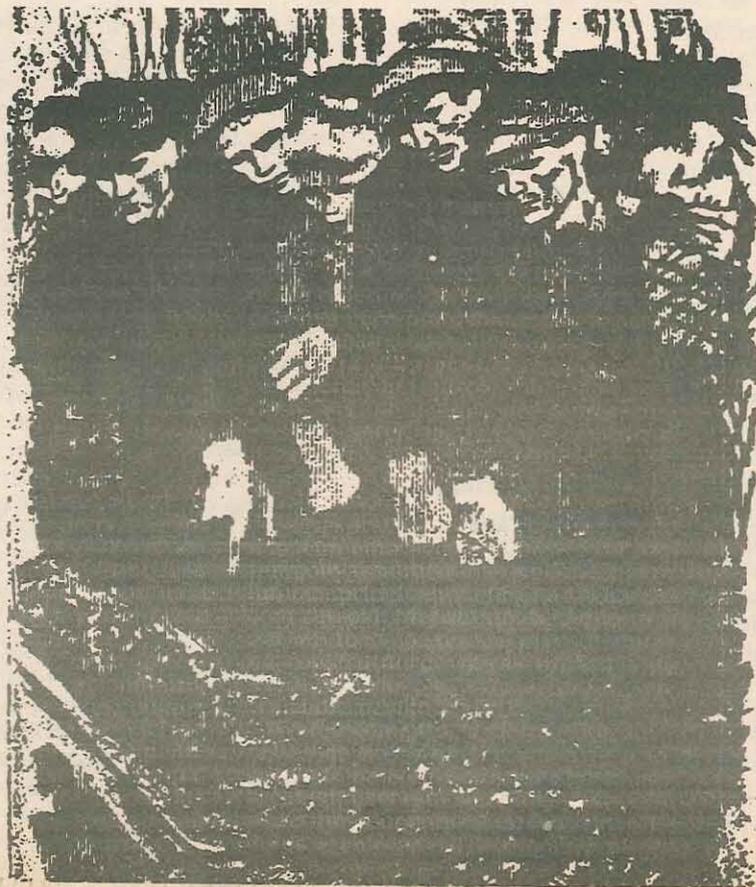
Esses princípios estéticos gregos e renascentistas foram revividos através do neoclassicismo e cujo grande estimulador foi o historiador de arte alemão J.J. Winckelmann (1717-68) que pontificava que as estátuas gregas expressavam a beleza natural máxima, que traduziam igualmente a beleza espiritual do homem, e que os artistas deveriam regular seus trabalhos pelos conceitos gregos que, inclusive, corrigiriam as imperfeições do mundo real. Sua fala encontrou terreno fértil na intelectualidade e entre os artistas da época a sua doutrina foi a substância pedagógica da Escolas de Belas Artes de lá e daquém mar.

Hoje ainda, inúmeras pes-



Desenho de Alain

“Em termos de arte plástica predomina ainda uma grande confusão entre “beleza natural” e beleza plástica.



Cemitério dos Mortos, Kathe Kollwitz, 1913. Litografia

soas, intelectualizadas ou não, pautam seus comportamentos estéticos pelas normas acadêmicas que formaram os parâmetros de cultura visual do nosso mundo ocidental, e esse padrão de pensamento, fruto do abastardamento e vulgarização da estética grega é responsável pelo divórcio entre artes plásticas e o público de hoje, mesmo aquela parcela do público que apresenta um nível de cultura razoável e consegue conviver bem com outras formas de produção artística. Embora não caiba e nem queira discutir aqui as características da produção das artes plásticas de hoje, não seria despropositado citar algumas palavras do crítico inglês Harold Osborne:

“Aqueles que endossam uma teoria formalista da arte sustentam comumente que um quadro ou uma estátua não podem ser considerados obra da mais alta qualidade simplesmente porque são uma boa representação de um objeto ou ideal, ou porque tornam aparente alguma recôndita significação metafísica dos objetos que retratam.

Consoante a tendência anti-naturalista da teoria contemporânea (que pode ou não justificar-se) toda e qualquer obra de arte precisa ser considerada como objeto novamente criado, e não apenas como espelho refletor das coisas que representam, e sua excelência deve ser avaliada por critérios que se aplicam à nova criação que ela é, distinta das coisas que refletem”.

Foi essa autonomia com relação à realidade que permitiu aos artistas enveredarem por caminhos variados e, inclusive, defendendo a boa causa, representarem o lado feio da vida e fazerem críticas contundentes à sociedade — o expressionismo não foi somente uma escola estilística, foi uma atitude perante a vida. Independente da escola expressionista não podemos esquecer a obra de Bosch, na Idade Média, os Retirantes de Portinari, os Desastres da Guerra de Goya, as figuras patéticas de Rouault, as gravuras de Kathe Kollwitz e tantos outros que elevaram a um alto nível de espiritualidade o que considerariamos materialmente feio.

* Elder Rocha Lima é arquiteto, professor de História da Arte e Artista Plástico.